

FESTA como perspectiva  
e em perspectiva



Conselho Editorial

Bertha K. Becker

Candido Mendes

Cristovam Buarque

Ignacy Sachs

Jurandir Freire Costa

Ladislau Dowbor

Pierre Salama

Léa Freitas Perez  
Leila Amaral  
Wania Mesquita  
(orgs.)

# FESTA como perspectiva e em perspectiva

Garamond

Copyright © dos autores, 2012

Direitos reservados para esta edição

Editora Garamond Ltda

Rua da Estrela, 79 – Rio Comprido

20251-021 – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Tel/fax: (21) 2504-9211

www.garamond.com.br

editora@garamond.com.br

Revisão Carmem Cacciacarro

Projeto visual, capa e editoração Estúdio Garamond · Anderson Leal

Capa sobre fotografia de Sherrie Thai, disponível sob licença Creative Commons

Atribuição em <http://www.flickr.com/photos/shaireproductions/3706779373/>

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

F458

Festa como perspectiva e em perspectiva / Léa Freitas Perez, Leila Amaral,

Wania Mesquita (orgs.). – Rio de Janeiro : Garamond, 2012.

38op. : il. ; 21 cm

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7617-240-6

1. Festas – Brasil. I. Perez, Léa Freitas. II. Amaral, Leila. III. Mesquita, Wania.

11-6638.

CDD: 394.20981

CDU: 394.2(81)

04.10.11

11.10.11

030354

---

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

A saudosa Rita nos deixou, mas seus rastros festivos se manterão em nós, colegas e amigos, nas folhas deste livro e nas bibliotecas que o(a) acolherão.



## SUMÁRIO

- Apresentação · Otávio Velho 9
- Introdução · Léa Freitas Perez 13
- 1 · Festa para além da festa · Léa Freitas Perez 21
- 2 · Tradição e atualidade no estudo das festas: uma leitura de Saint Besse, de Robert Hertz · Renata de Castro Menezes 43
- 3 · Para uma antropologia da festa: questões metodológico-organizativas do campo festivo brasileiro · Rita Amaral 67
- 4 · Cristotecas católico-carismáticas: performance da tradição ou tradição em performance? · Emerson Sena da Silveira 87
- 5 · Conversão na folia: o bloco evangélico no espaço do carnaval carioca · Wania Mesquita 105
- 6 · Religião, festa e ritual como agenciamentos possíveis · Fátima Regina Gomes Tavares 119
- 7 · A dimensão espetacular das festas públicas do candomblé · Eufrazia Cristina Menezes Santos 131
- 8 · Sacrifício e festa no Xangô de Pernambuco · Roberto Motta 151
- 9 · Caxambu de Marafunda: ritual, memória e relações sociais · Oswaldo Giovannini Junior 175
- 10 · A festa dos “boias-frias” · John Cowart Dawsey 197
- 11 · Nesta data querida: uma reflexão imaginativa sobre a festa infantil de aniversário e o cultivo da alma pelo imaginário · Eliana Braga Aloia Atihé 211

- 12 · Brincando com fogo: violência e festa no universo funk ·  
José Augusto Silva e Leila Amaral 233
- 13 · Fuga, transformação e sociogênese na música eletrônica de pista:  
experiências e experimentações de um DJ de techno ·  
Pedro Peixoto Ferreira 255
- 14 · O caráter festivo da ciberarte · Leila Amaral 273
- 15 · Do indeterminável em um Feliz Ano Novo:  
a festa em Rubem Fonseca · Regina Coeli Machado e Silva 289
- 16 · A aclamação é uma festa! · Lilia Moritz Schwarcz 313
- 17 · Festa: barroca? · Guilherme Amaral Luz 357
- Referências bibliográficas 351
- Sobre os autores 379

## APRESENTAÇÃO

Otávio Velho

Este livro contém um paradoxo inicial, pois, vindo à luz, nega por si mesmo a constatação da ambiguidade existente entre o reconhecimento da centralidade da festa na vida social e a ausência de um estatuto próprio para ela. Cercando de diversas maneiras essa busca de estatuto, pode-se dizer que, para bom entendedor, o livro se constitui numa contribuição poderosa para esse esforço inaugurador. Inaugurador, inclusive, de uma verdadeira especialização interdisciplinar em linha com as tendências mais produtivas do pensamento contemporâneo. Especialização interdisciplinar que se apoia, por sua vez, em considerável massa crítica, já que Renata Menezes nos informa, na sua contribuição à coletânea, terem sido produzidas sobre o assunto “festa” entre 1987 e 2007 nada menos que 750 dissertações de mestrado e 193 teses de doutorado por razões que ela nos apresenta de modo convincente, ao mesmo tempo que aponta para o desafio que isso implica para os pesquisadores, de produzir um saber que não se limite a descrições ou repetição de modelos sem abrir mão do patrimônio de estudos existente. Na impossibilidade, no curto espaço que me cabe, de demonstrar essa afirmação quanto ao caráter fundador do livro, só me resta estimular o leitor a verificar por si próprio. E a insistir um pouco mais na afinidade dessa obra com o que há de mais produtivo no pensamento atual.

Quando Léa Freitas Perez, em sua notável contribuição para esta coletânea, nos fala da festa como um universo sem norma e do real do imaginário oposto à estabilidade e à medida do real socializado, por insólito que possa parecer isso me lembra Ilya Prigogine (1996). Sobretudo quando ele se refere à ausência de uma norma universal à qual a diversidade dos fenômenos devesse estar submetida (p. 166-7) e à formação de uma ordem que não poderia ser realizada no equilíbrio

(p. 67). Mas me lembra também, na área do Direito, os chamados neo-constitucionalistas, quando insistem na importância da reabilitação da razão prática, bem como que, conforme as palavras de Luís Roberto Barroso (2007):

[...] quanto ao papel da norma, verificou-se que a solução dos problemas jurídicos nem sempre se encontra no relato abstrato do texto normativo. Muitas vezes só é possível produzir a resposta constitucionalmente adequada à luz do problema, dos fatos relevantes, analisados topicamente (p.9).

É claro que, ao fazer essas aproximações, se corre o risco de retornar à ausência de um estatuto próprio da festa. Porém essas mesmas aproximações parecem sugerir que viver é perigoso, mesmo. E que os ganhos podem ser consideráveis no que diz respeito inclusive ao cotidiano das pessoas, como fica mais óbvio na discussão constitucional. Mas os ganhos podem ser consideráveis também, pelo abandono de uma posição em que pareceria estarmos indo na contramão e falando de coisas insólitas. Muito pelo contrário, ao que tudo indica, a mão mudou ou pelo menos começou a mudar. Como diz Léa: a festa é a própria vida!

O que parece é que a “ciência normal” que cultivamos nas ciências sociais é que pode estar fossilizada. Não as festas, que estão sempre a se transformar. Festas que, portanto, podem ser o guia mais seguro nesse mundo em que se reconhecem os sistemas cada vez mais como complexos, abertos, dissipativos. E a referência acima aos textos de um químico e de um jurista tem também o sentido de sugerir que estamos assim nos integrando no esforço de constituição de uma nova episteme e de uma terceira cultura, substituta da oposição entre ciências e humanidades. E substituta também – quem sabe – do culto aos universais do Atlântico Norte, nas palavras do antropólogo haitiano Michel-Rolph Trouillot (2003).

Nessa direção, não nos sentiríamos estranhos à afirmação da ciência contemporânea quanto à existência de outros mundos possíveis. Afirmação que se segue à crítica à oposição entre determinismo e voluntarismo, e que já vem sendo incorporada pelos movimentos sociais deste mundo global em que outras globalizações também são possíveis.

Afirmção que, ainda, reafirma a gratuidade da festa: ao transitar entre mundos, não é possível carregar consigo bagagens e utilidades. Como também se constitui em reafirmação da noção de criação em contraposição ao já criado que se segue à ênfase em sistemas capazes de se autorregular (Velho, 2010).

Juntando tudo, quem sabe fique a esperança em um mundo em que a festa sirva como paradigma. E, suplementando Leila Amaral em sua magistral contribuição para este volume, quem sabe fique a sugestão de que o caráter festivo é o que melhor capta pelo menos um dos sentidos – e em que se deve apostar – dessa terceira cultura de que a ciberarte pode ser tomada como sintoma. Sendo que a incerteza, a contingência e a indeterminação brotam – juntamente com o reconhecimento das interdefinições e afetações das partes dos sistemas entre si em sua complexidade – da vida em geral e da atividade de pesquisa em particular. Atividade que apontaria, como sugere Leila, na direção da celebração do vir a ser de um sujeito transubjetivo que contrasta com o modelo do sujeito individual autônomo. Sujeito transubjetivo que de certa forma havia sido renunciado por Gregory Bateson (1904-80) com a sua ênfase na comunicação, que advém de sua participação no movimento cibernético e com a sua noção de Mente. Contribuições de Bateson que se somam a muitas outras vindas dele – como a ideia da oscilação entre o pensamento estrito e o pensamento frouxo (2000 [1972]) –, que convergem com ideias expostas no presente livro.

Nessa direção geral que estamos trilhando, reafirma-se a importância do concreto, do particular e do contextualizado. Sem empirismos, constituem inclusive o ponto de apoio às transcendências, ultrapassagens e antropofanias a que se refere Léa: não há norma que subsuma a diversidade. O que, aliás, aponta para a diversidade como elemento indispensável e constitutivo da complexidade contra todo pensamento tecnocrático e/ou abstratamente universalista. E aponta também para a etnografia como modo privilegiado de relacionamento com o(s) real(is), na medida em que complexifique a relação entre o sujeito e o objeto e evite o abafamento desse relacionamento pelo descontrole do intelecto ou pela reificação das heranças teóricas. É o que demonstram, em seu conjunto, as contribuições a este livro inovador.

O foco está nas festas. Nas festas como fato e como questão, nos

termos de Léa. E que, por isso mesmo, se constituem em verdadeira perspectiva a partir da qual se penetra – com o perdão pela linguagem objetificadora – nas religiões, nas construções da infância e da juventude, na organização dos tempos, nas artes, na política, nas histórias, nas morais, no turismo, no trabalho, na loucura, na violência, na organização retórica. Tudo isso ganha nova luz. Como também a ganham noções mais gerais e polissêmicas entre as quais avultam tradição, modernidade, barroco, performance, mimese, mestiçagem, transgressão, drogas, carnavalização; bem como elementos da ciência normal dignos de revisão crítica, como inúmeros e consagrados dualismos, reificações e supostos fundamentalismos.

Trata-se, enfim, de uma obra das mais significativas, que demandou por parte dos autores um esforço incomum, individual e coletivo. E que dos organizadores demandou adicionalmente um esforço de gestão e de dialogia interdisciplinar marcantes, que só aqueles que por muito menos se exauriram talvez possam avaliar. Dá continuidade a reflexões realizadas desde 2004 em três reuniões da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), e o resultado merece o agradecimento dos leitores; ao mesmo tempo que alimenta a expectativa de uma virada nos estudos que se façam a partir de agora, aceitando o desafio de uma perspectiva atual, extremamente promissora e plena de consequências teóricas, epistemológicas, políticas, estéticas e – por que não? – de gozo e dissipação.